

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE JOÃO E MARIA

Raquel Neves de Souza¹

RESUMO: Os contos de fadas são narrativas antigas, que, por muitos anos, tinha como único meio de transição a oralidade. No século XVII, Charles Perrault foi o primeiro a transcrever e publicar essas histórias. Desde então elas passaram por várias adaptações ao longo dos séculos, mas não perdendo a sua essência. Este artigo tem como objetivo analisar o conto de fadas “João e Maria”, dos Irmãos Grimm e comprovar a importância dos contos de fadas em sala de aula, conceituando a vertente literária, tecendo analogias entre os contos de fadas e a realidade, e analisando o reflexo do medo das crianças retratado nas obras. Utilizou-se como fundamentação teórica os seguintes autores: Bettelheim (2002); Coelho (1987, 2002); Corso e Corso (2006); Darnton (1988); Meregé (2010); Reyes (2010) e Tolkien (2013). A partir do estudo, observou a importância dos contos de fadas não só como ferramenta de conhecimentos pedagógicos, como também de desenvolvimento cognitivo e psicológico.

Palavras-Chave: Contos de Fadas; Criança; Educação.

ABSTRACT: Fairy tales are old narratives, which for many years had the oral tradition as the only means of transmission. In the XVII Century, Charles Perrault was the first one to write and publish those stories. Since then, they have been through many adaptations but haven't lost their essence. This article aims to analyze the fairy tales “Hansel and Gretel”, written by the Grimm Brothers and certify the importance of the fairy tales in classes, conceptualizing the literary aspect, connecting analogies between fairy tales and the reality, and analyzing the reflection of children's fear described in the masterpieces. The following authors have been used as theoretical background: Bettelheim (2002); Coelho (1987, 2002); Corso e Corso (2006); Darnton (1988); Meregé (2010); Reyes (2010) e Tolkien (2013). From this study on, it has been observed the importance of fairy tales not only as a tool of pedagogical knowledge but also as a cognitive and psychological development.

Keywords: Fairy Tales; Child; Education.

1 INTRODUÇÃO

Os contos de fadas surgiram na Europa Ocidental, a partir das transcrições de contos orais que era transmitidos de geração a geração. Charles Perrault foi o primeiro a realizar tal feito, seguido pelos irmãos filólogos e historiadores alemães Jacob Ludwig Karl Grimm e Wilhelm Karl Grimm, sendo que esses últimos “suavizaram”, retirando conteúdos violentos ou impróprios

¹ Acadêmica do 8º período do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Polo Iporá sob a orientação do professor Dr. Bruno Silva de Oliveira.

para crianças, como referências a sexo ou gravidez pré-nupcial, inseriram os valores que acreditavam, além das suas próprias visões de mundo em suas recriações, como afirma Diana Lichtenstein Corso e Mario Corso em *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis* (2006):

A transformação dos contos de fadas em relatos bem comportados e menos grotescos não é absolutamente fruto de arroubos pedagógicos recentes. Por exemplo, já no início do século XIX, ao longo das sucessivas edições das compilações dos irmãos Grimm, é possível acompanhar o progressivo abrandamento das tramas e das personagens, como a transformação da mãe em madrasta (CORSO, CORSO 2006, p. 29).

Os benefícios proporcionados pela leitura dos contos de fadas em sala de aula vão além dos pedagógicos, (desenvolvimento da leitura, ampliação do vocabulário, auxiliar na escrita). Eles são aliados importantes na formação do intelecto e do imaginário infantil, podendo influenciar em como as crianças vão enfrentar seus problemas cotidianos. Ao retratar problemas clássicos vividos na infância, os contos de fadas permitem que a criança sinta como se não fosse a única a enfrentar esses problemas, ajudando-as a refletir e encontrar sua própria maneira de enfrentar seus conflitos internos. O conto infantil desenvolve não apenas a inteligência e a sensibilidade estética, contribuindo para a formação integral da criança, mas também a permite sonhar. Cabe ressaltar que a fantasia pode possibilitar à criança a ter um entendimento da realidade prosaica na qual ela está inserida (CALDIN,2004).

A cada dia, a tecnologia tem ocupado mais espaço na vida das crianças e pouco tem a oferecer para o desenvolvimento intelectual e emocional. Reiteramos que trabalhar com os contos de fadas em sala de aula é de suma importância, pois aborda temas do dia a dia como, por exemplo, a pobreza e ausência dos pais. Sobre a importância dos contos, Bruno Bettelheim, na sua obra *A Psicanálise dos Contos de Fadas* (2002), afirma que eles têm uma profundidade muito maior que quaisquer outros materiais literários, iniciam-se por fortes pressões vividas pelos personagens, e assim, retratam experiências que a criança vive (ou viverá), oferecem soluções para essas pressões.

Tomemos como exemplo o conto de fadas “João e Maria”, dos Irmãos Grimm, o qual narra a história de um lenhador que vivia com sua família composta por quatro pessoas: ele, os dois filhos e a madrasta da criança. Eles viviam em uma época de fome e miséria, logo o pai não conseguia alimento suficiente para os quatro, o que o leva por influência da esposa a abandonar os filhos na floresta para que assim nem todos morressem de fome. João e Maria conseguem

encontrar o caminho de volta para casa, graça à esperteza do menino que deixara pedrinhas pelo caminho, o que leva o progenitor a abandoná-los mais uma vez na floresta.

Nessa segunda vez, ele joga pedaços de pão para marcar o caminho, mas pássaros comem as migalhas de pão. Depois de dias perdidos na floresta, os personagens título encontram uma casinha feita de doces, a qual pertencia a uma bruxa má. E, mais uma vez, graça à inteligência de João, ele e a irmã conseguem enganar a bruxa e voltar para casa com os bolsos cheios de pérolas e joias que pegaram quando fugiram. O pai que ficara viúvo os recebe cheio de alegria.

Ao analisar este conto, podemos perceber semelhanças com a realidade de muitas crianças, como: a dificuldade financeira, e o medo do abandono, natural nessa fase da vida. O conto pode dar às crianças a certeza de que não são as únicas a enfrentar esse problema e assim como na história terão um final feliz. Segundo Bettelheim (2002, p. 121), “os contos de fadas ajudam a criança a compreender melhor a natureza de sua situação, oferecem idéias que lhe dão coragem de lutar contra suas dificuldades e fortalecem as esperanças de uma resolução bem sucedida das mesmas”.

Assim, este artigo visa analisar o conto de fadas “João e Maria”, dos Irmãos Grimm e pensar a importância dos contos de fadas em sala de aula. Como também conceituar contos de fadas, tecer analogias entre os contos de fadas e a realidade, e o reflexo do medo das crianças retratado nas obras.

2 CONCEITO DE CONTOS DE FADAS

O termo “contos de fadas” pode remeter inicialmente a ideia de histórias sobre fadas com a finalidade de entreter crianças, mas essa ideia é equivocada. Segundo Nelly Novaes Coelho em *O Conto de Fadas* (1987), os contos de fadas tiveram origem muito antiga, podendo ter ou não a presença de fadas, mas sempre retratam a história de heróis e heroínas, como também serem narrativas ligadas ao insólito e têm como principal objetivo à realização interior do ser humano.

A efabulação básica do conto de fadas expressa os obstáculos ou provas que precisam ser vencidas, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua auto-realização existencial, seja pelo encontro de seu verdadeiro eu, seja pelo encontro da princesa, que encarna o ideal a ser alcançado. (COELHO, 1987, p.13)

J. R. R Tolkien em *Árvore e Folha* (2013), sobre o conto de fadas, destaca que:

os contos de fadas não são histórias sobre fadas ou elfos, mas histórias sobre o Reino Encantado, Faërie, o reino ou estado no qual as fadas existem. O Reino Encantado contém muitas coisas além dos elfos e das fadas, e além de anões, bruxas, trolls, gigantes ou dragões; contém os oceanos, o sol, a lua, o firmamento e a terra, e todas as coisas que há nela: árvore e pássaro, água e pedra, vinho e pão, e nós mesmos, seres humanos mortais, quando estamos encantados (TOLKIEN, 2013, p.9).

Para o autor, as histórias que realmente tratam de fadas são escassas e, em sua maioria, não são interessantes. Os contos de fadas mais relevantes são aqueles que trata das aventuras dos homens no Reino Perigoso, a narrativa não se prende à espécie dos personagens, mas ao lugar, que seria belo, cativante, mágico, e simultaneamente perigoso e cheio de desafios mortais. Assim, “um conto de fadas é aquele que toca ou usa o Reino Encantado, qualquer que seja seu propósito principal, sátira, aventura, moralidade, fantasia” (TOLKIEN, 2013, p.10).

Ana Lucia Meregé, no livro *Os contos de Fadas: Origens e permanência no mundo moderno* (2010), chama a atenção sobre as várias perspectivas que o conto de fadas pode ser abordado, dentre elas de forma histórica, antropológica, psicológica e literária. Histórica e antropológica, porque pode ser abordado analisando seu contexto histórico, social e cultural, buscando compreender cada versão em relação à sociedade e à época em que foi produzida. Nesta perspectiva, o mais importante é estabelecer as formas de transmissão, difusão e transformação do conto e identificar os elementos compatíveis com o momento histórico, sendo que a cultura, os costumes e mentalidade se refletem na narrativa. Psicológica, porque “podem-se atribuir a essas histórias inúmeros significados ligados à psique humana, razão pela qual elas também despertam o interesse de estudiosos da área, como Bruno Bettelheim e Carl Gustav Jung” (MEREGE, 2010, p.08). E por fim literária, a linguagem segue um estilo determinado, tendo formas clássicas de abertura e fechamento de contos (“Era uma vez”..., e “viveram felizes para sempre”). “Era uma vez” transmite a ideia que foi há tantos anos, que não se pode dizer ao certo quanto tempo faz. Segundo Suzi Frankl Sperber em *A Lenda da Flor Azul, o mito e o contos de fadas* (2011,p.14), essa atemporalidade acontece por falta de referências da História, ou seja, acontecimentos históricos ou datas. Mas em nada prejudica o transcurso da narrativa “as referências só aparecem na medida da necessidade de compreensão dos acontecimentos”(SPERBER, 2011, p.14). Enquanto o “felizes para sempre” simboliza a esperança da continuidade do ciclo vital.

2.1 PERCURSO HISTÓRICO

Os Contos de fadas são narrativas antigas que nem sempre estiveram nos livros. Uma das suas possíveis origens remetem à cultura celta, tendo como fonte a tradição oral. O povo celta foi uma civilização que viveu em uma região pertencente à Gália até por volta do século I d.C. quando foram dominados pelos romanos. Extremamente místicos, veneravam todas as manifestações da natureza, cultuavam vários deuses e armas. Segundo Coelho (1987), “o celta foi dos povos da Antiguidade que mais influência teria exercido sobre os demais, no que concerne à convivência humana, à espiritualidade, à religiosidade, ou, mais amplamente, à exaltação do imaginário” (p.38). Isso aconteceu principalmente pelo papel importante dos druidas e aos bardos responsáveis por serem guardiões dos mitos e das lendas ancestrais e por transmitirem os conhecimentos e a memória da cultura de uma geração a outra.

Os bardos, uma classe de druidas, eram oradores, poetas e músicos, responsáveis por estimular os guerreiros às virtudes heróicas. Como afirma Merege (2010, p.18), “a partir dos cânticos, poemas e outras formas de expressão referentes ao pensamento mágico, surgiu aquilo que um dia passaria a ser chamado de Literatura”. E, nesta época, a única forma de registrar era a memorização e a única forma de transmissão era a oral. Segundo Paulo Zumthor, em *Introdução à Poesia Oral* (2010), nas culturas orais “a voz é o instrumento da profecia, no sentido mesmo de que ela a faz” (p. 294).

Na Idade Média, uma época marcada por conflitos bélicos, fome, doenças e pobreza, a sociedade estava dividida entre senhores e camponeses, (historicamente conhecidos como suseranos e vassallos, respectivamente). Nessa, o primeiro vivia com conforto, era detentor dos bens de consumo e dos meios de produção, enquanto o segundo mal tinha o mínimo para sobreviver, visto que não tinha terras ou outras posses, sendo assim explorados pelo senhor feudal. A Igreja tinha grande poder e influência na sociedade medieval, tanto no aspecto financeiro quanto religioso, além de ser responsável pela transmissão do conhecimento erudito. Entretanto, as narrativas e tradições populares continuavam a ser difundida entre as classes que não tinha acesso a esse tipo de conhecimento ou se quer era alfabetizada.

Influenciados por todas essas características sociais, a literatura da época trazia além do fantástico e do maravilhoso, ideologias cristãs. Segundo Merege (2010, p.35), “as narrativas que tiveram registro naquele período refletiam, como é natural, a sociedade e o modo de vida da

época, ou seja, do mundo feudal, regime vigente nos países em que floresceram as formas literárias relacionadas ao conto de fadas”. As florestas, as donzelas, os heróis, o insólito, os símbolos e as imagens que remontam ao universo medieval tornaram-se elementos recorrentes nos contos de fadas. Robert Darnton em *O Grande Massacre de Gatos: e outros episódios da história cultural francesa* (1988) afirma que:

os pregadores medievais nos séculos XII ao XV utilizavam elementos da tradição oral para ilustrar argumentos morais. Seus sermões transcritos em coleções de “Exempla” dos séculos XII ao XV referem-se às mesmas histórias que foram recolhidas, nas cabanas dos camponeses, pelos folcloristas do século XIX. (p.31)

Mesmo com o fim da Idade Média, o interesse por contos de fadas persistiu na Renascença e continuou nas demais eras históricas. No século XVII, na França, Charles Perrault decide transcrever e publicar contos da tradição oral. Esses contos foram reunidos em um volume conhecido pelo nome de *Contes de má Mère l’Oye* ou *Os Contos de Mamãe Gansa*, que é considerado o marco da Literatura Infantil, como aponta Merege (2010).

As versões que hoje circulam entre nós de contos como Chapeuzinho Vermelho, Pele de Asno e O Gato de Botas partiram diretamente da obra de Perrault. No entanto, essas versões, em sua forma original, são bem diferentes das que se costumam narrar hoje às crianças e, por sua vez, a intenção do autor não era a de escrever (apenas) para o público infantil. (p.51).

Perrault foi um grande defensor da moral burguesa, seus textos sempre tinham lições de moral no final de cada história, com a finalidade de orientar o leitor ao caminho da moralidade.

No final do século seguinte, foi a vez dos alemães Jacob Ludwig Karl Grimm e Wilhelm Karl Grimm, mais conhecidos como os irmãos Grimm, despertar o interesse pelos contos populares que eram disseminados por pessoas simples e transcrevê-las para o papel, tendo como principais fontes a camponesa Katherina Wieckmann e a amiga da família Jeannette Hassenpflug que tinha descendência francesa. Esses primeiros contos foram escritos de forma fiel ao que as narradoras lhes haviam passado, resultando no livro *Contos da infância e do lar*, publicado entre os anos de 1812 e 1815. Após receber duras críticas, principalmente pela violência contra a criança, presentes nessas primeiras narrativas, os irmãos se viram na necessidade de expurgar “todo “conteúdo inadequado a crianças”, como referências a sexo ou

gravidez pré-nupcial, além de boa parte do humor jocoso que caracteriza as narrativas orais”(MEREGE, 2010, p.62).

A principal semelhança entre as adaptações dos irmãos Grimm e as de Perrault é que ambos suavizaram as partes polêmicas existentes nos contos tradicionais, retirando conteúdo os quais achavam inapropriado para crianças. A cerca desse tema, Coelho ressalta que “tanto em Grimm como em Perrault predomina a atmosfera de leveza, bom humor ou alegria, neutraliza os dramas ou medos existentes na raiz de todos os contos” (p. 75). Por outro lado, Merege afirma que “muitos contos conservam e até intensificam o grau de violência, enfatizando a punição para os maus, como as irmãs postiças de Cinderela”(p.62). Outro ponto a ser observado é que, ao contrário dos contos de Perrault, os contos dos Grimm não traziam uma lição de moral explícita.

Os Grimm inspiraram inúmeros autores por diversas partes da Europa, que, assim como eles, para que o folclore local não desaparecesse, através da coleta de contos populares, produziram e publicavam coletâneas de contos, como os amigos de escola Peter Christen Asbjornsen (1813-1885) e Jörgen Moe (1813-1882) na Noruega, o russo Aleksandr Afanasiev (1826--1871), Joseph Jacobs com o folclore britânico (1874-1916) e o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875). Andersen, além de publicar contos dinamarqueses, escrevia suas próprias histórias inspirando-se em contos ouvidos na sua infância. “Ele é considerado um dos principais nomes do conto de fadas literário, no qual os motivos e narrativas universais são retomados e transformados pelo gênio e pela criatividade do artista” (MEREGE, 2010, p.67)

3 A IMPORÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS PARA CRIANÇAS

É consenso entre especialistas em educação infantil, que a literatura exerce um papel de extrema relevância na formação intelectual, social e moral da criança. Segundo Yolanda Reyes em *A casa Imaginária Leitura e Literatura na primeira infância* (2010), o hábito da leitura deve começar a ser praticado logo que o bebê nasce, uma vez que o cérebro se desenvolve através da interação entre o capital genético e as experiências que são proporcionadas, logo deve se observar a qualidade dos estímulos a que essa criança é exposta, pois isso será decisivo no seu desenvolvimento. A autora ainda afirma:

Se todos passamos pela infância e se está demonstrado que o que se constrói nesses anos implica qualidade de vida, oportunidades educativas e, por consequência,

desenvolvimento individual e social de cada indivíduo, “oferecer leitura” às crianças menores pode contribuir para a construção de um mundo mais equitativo, proporcionando a todos as mesmas oportunidades de acesso ao conhecimento e à expressividade desde o começo da vida. (REYES, 2010, p.16)

Para Nelly Novaes Coelho em *O Conto de Fadas: Símbolos, mitos e arquétipos* (2003), é a consciência cultural que permite o desenvolvimento integral dos seres humanos e a literatura a manifestação artística mais profunda e essencial para que os valores culturais de uma sociedade sejam divulgados. A Literatura Infantil exerce esse papel sobre os pequenos leitores, através da ludicidade, da linguagem simples e subliminar, levando-os “a perceber e a interrogara si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, sua necessidade de autoafirmação, ao lhes propor objetivos ou formas possíveis de participação no mundo que os rodeia” (COELHO, 2003 p.123).

Dentro desse mundo maravilhoso da Literatura Infantil, tem-se o Conto de Fadas como uma das mais antigas manifestações de literatura, e uma das mais importantes para esse universo infantil. A fantasia presente nos contos de fadas facilita à compreensão de mundo pelas crianças, pois retrata através da subjetividade assuntos que elas ainda não são capazes de compreender de forma realista. De acordo com Bettelheim (2002, p.14), “Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas estórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento”, sugerindo soluções para os conflitos interiores normais nessa fase da vida.

Os conflitos infantis como o medo da rejeição, do abandono da morte de um ente querido são estão presentes nos contos de fadas, as soluções apresentadas na história, geralmente tem um final feliz, permite a criança sonhar que será capaz de resolvê-los, contribuindo para sua segurança interior. De acordo com Bettelheim (2002),

Só partindo para o mundo é que o herói dos contos de fada (a criança) pode se encontrar; e fazendo-o, encontrará também o outro com quem será capaz de viver feliz para sempre; isto é, sem nunca mais ter de experimentar a ansiedade de separação. O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança – em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente – a ao abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente.(2002, p.19)

4 ANÁLISE DO CONTO: “JOÃO E MARIA”, DOS IRMÃOS GRIMM

O conto “João e Maria” apesar de ter sido transcrito séculos atrás, seu conteúdo é muito atual, e através da simbologia aborda temas presente no cotidiano de muitas crianças. Os conflitos e resoluções podem ajudar a criança a pensar na situação que os personagens estão vivendo e relacioná-los com a sua própria vida, podendo contribuir para o desenvolvimento de autodescobertas, ajudando-a a enfrentar situações adversas. E é um exemplo de narrativa a ser trabalhada em ambiente escolar.

Logo no início da narrativa, pode-se perceber que o pai das crianças era um pobre lenhador, que vivia com a mulher (que não é a mãe das crianças), e os filhos em uma época de fome e não conseguia levar pão para a casa. As escolas públicas brasileiras na sua grande maioria são compostas por famílias de baixa renda, que lutam diariamente para garantir o sustento. Muitas crianças têm como única fonte de alimento garantido, a merenda servida na escola, sendo assim, eles podem se identificar com a história de João e Maria.

Outro fator de identificação são os nomes dos personagens João e Maria, os quais são nomes comuns e se uma sala de aula não tem um João ou uma Maria, a maioria deles conhece alguém com esse nome tornado assim fácil de se imaginarem como personagem do conto. Bettelheim (2002) destaca que a maioria dos personagens retratados nos contos de fadas não tem nome, podendo ser referidos como “pai”, “mãe”, “madrasta”, e em alguns casos “como nas histórias de João, ou em "João e Maria", o uso de nomes bem comuns os torna genéricos, valendo para qualquer menino ou menina” (p.58).

Um ponto a ser observado é a configuração dessa família descrita no conto, ela não é composta por uma família dita tradicional (pai, mãe e filhos), mas por pai, madrasta e filhos. Na época em que os contos foram transcritos, essa composição familiar era comum em virtude do alto índice de mortalidade materna no parto, “um em cinco maridos perdia a esposa, e então tornava a casar-se. As madrastas proliferavam por toda parte”(DARNTON, 1988, p.44). E hoje a composição familiar está cada vez mais diversificada, e a criança, através do conto, pode se sentir representada.

Após o preâmbulo de apresentação da estrutura familiar e o contexto da narrativa, o narrador conta que as crianças ouvem o pai e a madrasta combinarem de abandoná-los na floresta. Tal situação pode ser lida e identificada pelo leitor, com o sentimento do medo que sentem de ser abandonados pelos pais, ou quando se acham incompreendidas, que não são

amadas, sentimentos normais para idade infantil. Segundo Bettelheim (2002), as crianças precisam compreender que precisam amadurecer e seguir a vida sem a proteção paterna, e que se os pais não o fizer a sociedade o fará. O fato de ser a madrasta que tem a ideia de abandoná-las, segundo o autor, pode se entender como uma:

expressão simbólica às experiências internas diretamente ligadas à mãe. Por conseguinte, o pai permanece uma figura apagada e ineficaz através da estória, como aparece à criança durante sua vida inicial, quando a Mãe é toda importante, tanto nos aspectos benignos como nos ameaçadores. (BETTELHEIM, 2002, p.240)

Já quando João e Maria são deixados na floresta pelo pai e a madrasta com o pretexto que iriam cortar lenha, simbolicamente pode representar o medo de serem esquecidos na escola pelos pais, que a maioria das crianças pequenas sentem quando são deixadas na escola e os pais prometem voltar no final do período de aula para buscá-las.

A floresta simboliza o mundo, cheio de perigos e armadilhas, que as crianças terão que enfrentar com o crescimento. Mas elas se recusam a esse crescimento deixando seixos pelo caminho, voltando novamente para os cuidados dos pais. “Antes da criança ter coragem de empreender a viagem para se encontrar, para se tornar uma pessoa independente pelo encontro com o mundo, só pode desenvolver a iniciativa tentando voltar à passividade, para garantir-se de uma gratificação eternamente dependente” (BETTELHEIM, 2002, p.239).

Na segunda tentativa de abandoná-los, João tentou fazer conforme fizera na tentativa anterior, mas desta vez a madrasta havia trancado a porta impedido que João pegasse os seixos para marcar o caminho de volta. A solução que o menino encontrara para substituir o seixo foi deixar cair pelo caminho migalhas de pão que acabaram sendo comidas pelos pássaros, deixando-os sem sinal de direção para voltar para casa. João e Maria andaram por vários dias perdidos na floresta, mas guiados por um pássaro branco encontraram uma casinha “feita de pão, e o telhado era de bolo e as janelas de açúcar cintilante” (GRIMM;GRIMM, 2010, p.167). Famintos começaram a devorá-la, até que a dona da casa apareceu e os convidaram a entrar.

A casa da bruxa, que era feitas de doces, pode ser entendida com uma fartura que as crianças não tinham e que as atrai, que a comida farta ali serviu como o meio de sedução para as crianças, visto que essas estavam famintas. Mais uma vez podemos tecer um paralelo com a realidade atual das crianças. É comum os adultos alertarem as crianças sobre o perigo de aceitar alimentos oferecido por estranhos, que, na maioria das vezes, estão mal-intencionados.

A figura da bruxa inicialmente bondosa simboliza os cuidados maternos desejados por toda criança, “ela os tomou pela mão e levou os para dentro de sua casinha. Então colocou bons alimentos diante deles, depois cobriu duas lindas caminhas com lençóis brancos e limpos e João e Maria se deitaram e pensaram estar no céu” (GRIMM;GRIMM, 2010, p.169). Mas, no outro dia, manifesta-se má, trazendo de volta a imagem da mãe que não quer atender todos as suas vontades dando ordens “de pé, sua preguiçosa. Vá buscar água e cozinhar alguma coisa gostosa para seu irmão”(GRIMM;GRIMM, 2010, p.170). Percebe-se aqui uma semelhança com o discurso da madrasta no início do conto “levantem seus preguiçosos, vamos a floresta apanhar um pouco de lenha”(GRIMM;GRIMM, 2010, p.163). A partir dos trechos citados, fica claro essa analogia da madrasta(mãe) na imagem da bruxa, podendo a criança enxergar a mãe como má, porque não continua a dar atenção que a criança exige receber e quer que ela seja independente e trace seu próprio caminho.

A bruxa pende João em uma jaula, enquanto Maria prepara os alimentos para engordar seu irmão, já que a velha o queria gordo e bonito para comê-lo. Todos os dias, a bruxa pedia para ver seu dedo a fim de verificar se já estava no ponto de abate, mas usando de esperteza o menino mostrava um ossinho que havia encontrado. Depois de quatro semanas, João continuava magrelo, ela então perdeu a paciência e resolveu devorá-lo assim mesmo. Então, ela dá a ordem a Maria para que preparasse o caldeirão para cozinhar o seu irmão. A ideia da bruxa era empurrar a menina para dentro do fogo para comê-la assada. Mas Maria percebendo a intenção dela, disse que não estava conseguindo mexer no forno, quando a bruxa se aproximou para explicar a menina empurrou-a para as labaredas. Ela então corre para libertar o irmão, e reviram a casa da bruxa, encontrando vários baús com joias e pérolas, eles enchem os bolsos e fogem dali.

Depois de andar por algum tempo chegaram nas margens de um rio, mas não havia como atravessar, foi quando avistaram uma pata branca e pediram sua ajuda, foi quando João percebeu que seria impossível que a ave suportasse o peso dos dois, eles concluíram que “seria uma carga pesada demais para a patinha. Ela pode nos levar um de cada vez”(GRIMM;GRIMM, 2010, p.174).

O conto mostra o desenvolvimento de Maria ao longo da narrativa, no início uma menina assustada com a ideia de ser abandonada pelo pai e madrasta, sendo consolada e ajudada todo o tempo pelo irmão. Na casa da bruxa, ela exerce o papel fundamental para se libertarem, ela deixa

de ser medrosa e toma a atitude de empurrar a bruxa para dentro do forno, mostrando que a sua ingenuidade é coisa do passado e já consegue tomar decepções por conta própria.

Para Bettelheim, essa ajuda mútua entre os irmãos é um ponto muito importante a ser observado neste conto. “Estas estórias orientam a criança no sentido de transcender sua dependência imatura dos pais e alcançar os níveis seguintes e mais altos de desenvolvimento: valorizando também o apoio dos companheiros de idade”(BETTELHEIM, 2002, p.248), essa cooperação substitui a dependência única dos pais. Em um primeiro momento, João é quem tem a ideia de deixar seixos pelo caminho para se salvarem, logo após é a atitude de Maria que os salva, o que sugere às crianças que, à medida em que crescem, devem passar a depender cada vez mais dos companheiros da própria idade para ajuda mútua e compreensão (BETTELHEIM, 2002, p.246).

Por outro lado, é necessário que as crianças compreendam que a momentos que não é possível contar com o auxílio de ninguém, que terá que seguir sozinho. Segundo Bettelheim, “a criança em idade escolar deveria desenvolver a consciência de sua unicidade pessoal, de sua individualidade, que significa que ela não pode mais compartilhar tudo com os outros” (2002, p. 245). De acordo com o autor, isso fica implícito no conto quando João e Maria não podem atravessar o rio juntos.

O rio significa o amadurecimento dessas crianças, ao chegar do outro lado estão prontos para resolver seus próprios problemas. Antes eram dependentes dos pais, agora voltam como provedores, trazendo joias consigo, estes tesouros são a recém-adquirida independência de pensamento e ação, uma nova autoconfiança que é o oposto da dependência passiva que os caracterizava quando foram abandonados na floresta.

O conto finaliza com o retorno feliz das crianças ao lar, Bettelheim alerta que a criança nova não consegue imaginar ser possível encontrar a felicidade longe da segurança do lar. E isso é muito importante para o desenvolvimento, que só a partir de um bom relacionamento com os pais a criança terá uma adolescência tranquila.

A criança em idade escolar não consegue imaginar que um dia será capaz de enfrentar o mundo sem os pais, por isso tem esse sentimento de querer tê-los sempre por perto, mas precisa confiar que conseguirá enfrentar os desafios que surgirá ao longo da vida. João e Maria podem encorajar a criança a explorar as “invenções de sua imaginação ansiosa, porque este tipo de conto transmite-lhe a confiança de que poderá controlar não apenas os perigos reais de que os pais lhe

falam, bem como os outros, intensamente exagerados, que ela teme que existam”(BETTELHEIM, 2002, p.248).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É unânime entre especialistas em comportamento infantil, a ideia que para que a criança tenha um bom desenvolvimento, é necessário que a família ofereça suporte adequado, ou seja, uma educação estimuladora e um ambiente familiar saudável. Mas, segundo Corso e Corso (2006, p.397), isso por si só não é suficiente, “independentemente do quanto nossa família tenha nos providenciado um bom acervo emocional, os problemas, as dúvidas e as exigências surgirão, como uma esfinge devoradora que se interpõe no caminho”. Uma vez que, é nesse momento que a fantasia das histórias entra, oferecem auxílio diante de encruzilhadas e dificuldades que se interpõe no caminho da criança.

Sendo assim, depois de tudo que foi mencionado anteriormente, podemos concluir que é primordial que os contos de fadas sejam trabalhados em sala de aula, visto os benefícios psicológicos que eles oferecem, proporcionando desenvolvimento interno, fortalecendo a autonomia emocional da criança. Pois a maneira que ela resolve seus medos e conflitos internos, influenciará no adulto em que se tornará.

Trabalhar contos de fadas em sala de aula não devem ser apenas uma ferramenta pedagógica com o objetivo de estimular o gosto pela leitura, ou atividades de compreensão e interpretação de texto, mas sim, visando o desenvolvimento cognitivo e psicológico das crianças, pois trazem para a criança a percepção de um mundo diferente, podendo ser associados à sua realidade na busca pela resolução de seus conflitos internos.

O conto “João e Maria” aborda a problemática da falta de alimentos, da pobreza, da falta de afetividade, à perda da mãe, e uma infinidade de conflitos que vão se resolvendo até o término da narrativa. Podendo contribuir no processo de construção da identidade da criança através da identificação com os personagens. Ao fazer isso, a criança se coloca no lugar do outro, sofre e se alegra junto com as dificuldades e conquistas do herói.

6 REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. São Paulo: Terra e Paz, 2002.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n.18, p. 72-89, jul./ dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p72>. Acesso em: 07 setembro 2021
- COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas**. São Paulo: Ática, 1987.
- COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas: Símbolos, mitos e arquétipos**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.
- CORSO, Daiana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos: e outros episódios da história cultural francesa**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. João e Maria. In.: PERRAULT, Charles; GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm; ANDERSEN, Hans Christian., *et all.* **Contos de Fadas: De Perrault Grimm Andersen & Outros**. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar. 2010, p. 161-175.
- MEREGE, Ana Lucia. **Os contos de fadas: Origens e permanência no mundo moderno**. São Paulo: Claridade, 2010.
- REYES, Yolanda. **A casa Imaginária Leitura e Literatura na primeira infância**. São Paulo, Global, 2010.
- SPERBER, Suzi Frankl . A lenda da flor azul, o mito e o conto de fadas. In. Volobuef, Karin (org). **Mito e magia**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, 304pp: p. 9-24. (ISBN 978-85-393-0090-7)
- TOLKIEN, J.R.R. **Árvore e Folha**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira et al. São Paulo: Editora HUCITEC, 2010.